

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 2 de Março de 1856.

N. 4

LITTERATURA.

A Igreja de São Joaquim,

O COLLECIO DE PEDRO II.

IV

Esta instituição foi especialmente consagrada á educação e instrucção de meninos orphãos, mas foi este um facto, que actuou sobre o movimento civilizador da sociedade de então, porque os favorecidos da fortuna sentiram a necessidade de doar a seus filhos a herança sagrada da perfeição da alma e da cultura do espirito.

A 20 de Outubro de 1739 foram publicados os estatutos do Collegio: elles são um documento incontestavel da sabedoria do illustrado prelado; elles são um codigo de maximas salutaes, de disposições providenciaes sobre a educação, e instrucção feita á sombra do altar, escudada pelo evangelho, e guiada pelo espirito do catholicismo.

Vejamos as proprias palavras do seu primeiro artigo.

« Por quanto a natureza humana, que, na culpa de Adão, perdeu toda a boa ordem, e harmonia ficou sempre tão propensa aos deleites do corpo, como inclinada ao mal, quão proveitosa, quão util, e quão necessaria seja ao mundo a boa educação dos filhos, a mesma natureza no vinculo do matrimonio, em que unio inseparavelmente os pais, constantemente o ensina e manifesta. — O bom principio e grande parte da obra em qualquer arte, ou artefacto, e a boa instrucção da mocidade, é o melhor fundamento, e muito mais necessario na fabrica das virtudes. Toda a felicidade das republicas, toda a concórdia dos povos, toda a reforma da Christandade, todo o lustre das Igrejas, e toda a observancia das religiões tudo depende da boa criação dos filhos. Com esta os tribunaes se animam, os canones se observam, as leis se vigoram e rectificam, os vicios se desterram e as virtudes se plantam, fal-

tando porém esta, por demais são as pragmaticas, inuteis são os decretos, e frustrados todos os rigores ou penas da justiça; porque se a natureza foi na infancia pervertida, se foi com o leite dos máos costumes relaxada, tão inepta, tão adversa e tão contraria ficou aos sequitos das virtudes, que ou nunca, ou raras vezes chega a perder os habitos viciosos na mocidade contrahidos. Este fim tão pio, tão heroico e tão santo, canonizado com universal authoridade do Sagrado Concilio Tridentino sec. 33 cap. 12 de refor. tem sido a causa, de muitos Seminarios e utilissimos Collegios que em beneficio da Religião Christã se erigiram e sustentam com esmolos dos fieis, e piedade dos Principes, e com o mesmo instituímos agora este Collegio dos meninos orphãos de S. Pedro, esperando da devota piedade dos fieis, que, com suas esmolos os soccorram, para que venham a conseguir todo o augmento, todo fructo e toda a felicidade que no serviço de Deos e utilidade do proximo que se póde esperar e desejar. Mas por que é preciso, que sejam não só instruidos nas artes liberaes como tambem, e muito principalmente, educados nos bons costumes e virtudes, supprindo a Igreja com o magisterio da doutrina a falta dos pais da natureza, ordenamos por lei e estatutos do sobredito Collegio os capitulos seguintes, os quaes o reitor fará observar christã e religiosamente, levando sempre o temor de Deos diante, com aquelle mesmo zello e fervor do seu principio e fundação, indo sempre pelo caminho da virtude para boa educação dos meninos e para maior honra e gloria de Deos Nosso Senhor.»

V

Os pormenores do regulamento resentiam-se da severa disciplina monacal. Quasi todos os exercicios espirituaes, as horas de instrucção e de recreio eram o fiel transumpto d'essa disciplina por excellencia, que reinou nos claustros, e onde posteriormente se desrancou, e se transformou na mais escandalosa e grosseira licença.

A recepção do habito, especialmente, era inteiramente segundo o rito monacal.

« A fôrma do habito, diz o 3.º art. do cap. 1.º dos estatutos, será de panno branco com uma cruz vermelha no peito, e quando o reitor lh'o lançar a primeira vez, o benzerá na capella, em communitade, mas com a porta fechada, e sem assistencia alguma de gente de fóra. Aqui lhe dará por sobrenome a vocação d'algun sancto que o menino escolher por sua devoção, porém de tal sorte que senão equivoque uns com os outros, e no fim do acto lhe cantará a communitade o hymno — *Veni Creator Spiritus* — com o seu verso e orações.»

Mais tarde, a requerimento dos seminaristas, e com informação do respectivo reitor, o trajo collegial passou a ser preto, côr mais propria e adequada aos destinos do estabelecimento e dos alumnos, que se denominavam **ORPHÃOS DE SÃO PEDRO**, e que sob a direcção reitoral do padre Sebastião da Motta Leite, estavam isentos da jurisdicção parochial, o que, em direito canonico, era uma garantia, e uma immuniidade ao estabelecimento.

VI

Como dissemos era junto á igreja de São Pedro que se havia estabelecido o collegio. Mas n'uma aria acanhada, no centro do bulicio d'uma cidade já então de grande trafego commercial; a disciplina e o progresso do estabelecimento resentia-se d'essos inconvenientes; a mudança era a cada dia e a cada hora reclamada: e ella se verificou.

O piedoso Manoel de Campos Dias havia erigido com faculdade do Ordinario em provisão de 14 de Janeiro de 1758, e fundado a 8 de Agosto do mesmo anno uma capella da invocação de São Joaquim: esta capella foi doada ao collegio dos **ORPHÃOS DE SÃO PEDRO**: e como a localidade era a mais asada para o repouso e silencio que deve reinar em casas de educação, para ali se effectuou a mudança do primitivo collegio em principios de Dezembro de 1766; e d'ahi em diante os *Orphãos de São Pedro* passaram a se denominar **ORPHÃOS DE SÃO JOAQUIM**.

O estabelecimento, assim montado, continuou a melhorar no augmento das officinas, na acquisição de donativos, e dando ao estado cidadãos prestimosos, até que em 5 de Janeiro de 1818 passou por um d'estes cataclysmas, que infelizmente se tem reproduzido em estabelecimentos d'esta ordem, em todos os annos d'este meio se-

culo essencialmente revolucionario. Um decreto d'esta data extinguiu o Seminario de São Joaquim para o seu edificio servir de aquartelamento a um dos batalhões da divisão portugueza, e para o corpo de artifices engenheiros.

A historia d'este edificio, que podia ser longa em considerações cifra-se na nota 7.ª ao cap. XV das Memorias de Monsenhor Pizarro. Tom. VII pag. 220.

A igreja foi destinada para capella dos batalhões e corpos que compunham a referida divisão, servindo de cabeça para uma confraria que se deveria formar dos seus respectivos officiaes, e semelhante á que existe na capella da Cruz. Parte dos seminaristas passou para a casa de S. José, e os mais se admittiram, pelo decreto citado, ao corpo de artifices e engenheiros, como aprendizes dos differentes officios mechanicos n'elle estabelccidos. As rendas actuaes do extincto seminario passaram e ficaram encorporadas ás do seminario de S. José, para sustentação e manutenção de dez moços orphãos e pobres, que pelo menos deveriam ser ali admittidos, á escolha do reverendo Bispo-Capellão-Mór. Instado porém o Sr. D. Pedro, então principe regente, pelas supplicas de varios moradores d'esta cidade para que se restabelecesse o seminario, por não poderem cabalmente preencher os fins louvaveis que tiveram seus instituidores pios, e outros bemfeitores, em vista, dotando-o com legados e esmolas, e merecendo a real consideração de S. A. tão justas reclamações por decreto de 19 de Maio de 1821 foi vervido: 1.º restabelecer o seminario na fôrma em que elle estava, antes do mencionado decreto, desannexando-se dos proprios da corôa, em que foi encorporado o edificio, com suas dependencias, do seminario de S. José, as rendas que para ali passaram, e dos batalhões, e corpos das divisões das tropas de Portugal, a igreja, revertendo tudo para o mesmo seminario: 2.º que o edificio se entregasse aos bemfeitores Joaquim Antonio Insua, José Severino Gesteira, e outros, para formarem na qualidade de syndicos, e entre si uma junta, a cujo cargo ficasse a administração economica, e de quaesquer arranjos exteriores do seminario, devendo publicar no fim de cada anno as suas contas; 3.º que o conego da real capella Placido Mendes Carneiro, o qual havia sido reitor do mesmo seminario, voltasse a occupar o cargo, de que era mui digno por sua intelligencia, prudencia e virtudes, que exige este importante emprego, dispensando o

mesmo conego das obrigações do côro da real capella, e conservando seus vencimentos como se presente fôra.

Assim se conservou o estabelecimento até que o finado ministro de estado Bernardo Pereira de Vasconcellos o refundio na criação do COLLEGIO DE PEDRO II.

Esta transformação do collegio dos orphãos de S. Pedro constitúe uma nova phase, e uma época distincta na historia d'aquelle estabelecimento : tentaremos n'um ulterior artigo mostrar as vantagens da nova instituição, a infelicidade da sua pratica, e os inconvenientes do seu internato.

F. M. RAPOSO D'ALMEIDA.

Paginas intimas.

IV

O ORPHÃO.

Faz hoje um anno que fiquei orphão ! Faz hoje um anno que perdi a mais terna e a mais carinhosa das mães ! Fatal dia !... Triste recordação !... Oh ! minha mãe, com que sentimento vou hoje ao cemiterio em que descançam teus restos mortaes elevar a Deos a oração fúnebre—o tributo annual que impõe o dever de filho !... Tudo está silencioso. A natureza dorme, só eu, pobre de mim ! gemo e vélo. E' porque a minha dor é grande, é porque a perda de uma mãe já-mais pôde ser compensada.... Vamos, o cemiterio branqueja além ! Quero embrenhar-me por entre as suas arvores, vacilante e pensativo, procurar a lousa que cobre o corpo d'aquella que foi toda a minha dita e orar só. Ajoelho-me... O pranto pôde aqui correr livremente sem que as vistas curiosas dos extranhos venham devassal-o. Aqui posso dar toda a expansão á minha dor, e com um grito sahido do intimo d'alma pedir a essa campa as consolações que em outra parte procurarei em vão. Aqui posso recordar sem receio os dias felizes da minha infancia ; aqui poderei emfim identificar-me com tudo que disser respeito áquella que prantéo hoje....

Poucas horas antes de a perder para sempre, e quando já as ancias da morte a impediam de fallar, minha mãe chamou-me, e balbuciando disse-me : Meu filho, sinto que vou deixar-te em breve. A minha morte será um d'esses acontecimentos que formarão uma das paginas mais in-

timas da tua vida ; porque, meu filho, eu sei que me amas muito, e sei tambem que o teu bom coração não admite esse egoismo inconsequente que expelle de nós qualquer idéa de commiseracão ; porisso quando a minha recordação te for penosa, quando a dor seja tão violenta que não possas subtrahir-te a ella, vai ao cemiterio, procura a campa em que eu repousar, ajoelha-te sobre ella, e ora a Deos por mim. Em pouco tempo a dor desaparecerá, e o pranto misturado com a oração dar-te-ha alivio. E' sobre a sepultura de qualquer pessoa que amamos em vida que devemos pedir essas doces consolações que nos impellem a aceitar a morte como uma consequencia immediata e infalivel d'essa existencia que Deos nos concedeu. E' sobre a sepultura de tua mãe que te resignarás a supportar bem a dor pungente que apoz a minha morte deve substituir uma decepção qualquer, um contratempo pueril ; assim não succumbas tão cedo porque é bastante tores de arrostar esses *vaes-vens* do mundo que vou deixar....

Eis aqui o que minha mãe me aconselhou que fizesse n'esses momentos em que o nosso atribulado espirito procura ligar uma recordação á outra, sem nada conseguir ; é porisso tambem que procuro sempre o cemiterio para olvidar essas idéas mundanas despidas de tudo que seja agradavel ao coração d'un homem que perdeu á pouco a mais terna e devotada das mães....

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Mathilde.

III

A APRESENTAÇÃO.

E na extremidade, sentado em um banco de castanheiro, acharam-se os viajantes face a face com um bello preto, o qual se levantou prestes.

Adeus, Domingos, disse o tio de Henrique, dando uma pancadinha amigavel na face do preto ; que fazes por aqui ? Espero meu senhor moço. Por minha fé ! tens que esperar ; dou-te de conselho que vás passear ; o Sr. Carlos não deixará tão cedo a companhia da menina. Que importa ? respondeu o preto encolhendo os hombros ; não tenho que fazer, e depois d'isso não posso estar longe do Sr. Carlos. Tens-lhe muita amizade !... Amo-o tanto quanto a onça ama o covil ; amo-o mais que a minha terra, respondeu o preto com notável simplicidade. Eis aqui um

quadro que difficilmente poderá ser reproduzido, disse philosophicamente o tio de Henrique, continuando seu caminho.

Um extenso e lindo jardim se achava no fim do corredor ; os viajantes atravessaram uma rua de murta fronteira á porta da galeria, voltaram em uma outra á esquerda, subiram alguns degrãos de madeira, e acharam-se por fim em uma comprida varanda, que dominava a estrada, e por consequencia o rio. Era n'esta varanda que os amigos do doutor Rego se reuniam quasi todos os dias. Os tres recémchegados, não digo bem, os dous irmãos Cardozos, eram amigos intimos do doutor Rego. Habitados desde muitos annos a visital-o de quinze em quinze dias, elles tinham acabado a instancias do primeiro, por fazel-o de oito em oito dias. Esta certeza de dias tinha-se estendido até a horas, por isso, e como dissera o criado, o doutor Rego não esperava mais seus amigos — a hora da chegada tinha passado á muito. Facil será pois adivinhar com que alegria seriam recebidos os nossos viajantes, que, segundo a liberdade que gosavam na casa, entraram sem se annunciar. Como ? ! os meus bons amigos por aqui ? ! exclamou o dono da casa abraçando os dous irmãos ; na verdade é uma surpresa bem agradável ; vamos, os antigos conhecimentos nunca esquecem o pobre mysantropo que lhe offerece distracções identicas ao seu estado. Obrigado, Srs., continuou o doutor, reparando em Henrique, que se retirára a um lado. Vamos, Henrique, disse o viajante gordo aproximando-se de seu sobrinho ; cumprimenta o dono da casa. Doutor, continuou elle fallando com o ultimo ; apresento-te o Sr. Henrique da Gama Cardozo, meu digno sobrinho, o qual chegou hontem de Coimbra, em cuja Universidade recebeu o grão de doutor em leis. E'mais um *rabula* na familia. Abrace-me pois, doutor, respondeu Rego ; seu tio pede-o, e além d'isso entra de hoje em diante no numero dos meus melhores amigos. Accito reconhecido a sua amizade, e farei com que ella tome em pouco as proporções d'aquella que meu pai e tio lhe tributam.

O doutor Rego era um homem de 50 a 55 annos, de phisionomia palida e enrugada, o que de alguma sorte deixava antever que os desgostos tinham combatido aquella alma pura e ingenua. Expressando-me assim, não exagero, porque, n'este seculo, e em um obscuro canto de provincia, é uma singular anomalia achar-se um homem

retrato vivo d'esses patriarchas do tempo primitivo. Eu conheci de perto o doutor Rego, e passei alguns dias em sua companhia ; e se bem que n'aquelle tempo fosse mui joven para conhecer o quanto havia de distincto em seu character, estas recordações, e o testemunho de alguns outros mais habilitados que eu para conhecerem parte do coração humano, me dão o direito de dizer francamente que jámais acharei em minha vida um homem tão bom, affavel e generoso como era o doutor Rego. Este achava-se na varanda acompanhado apenas de sua filha, que retirada a uma das extremidades, parecia nada ver do que a rodeava. Occupava-se em bordar um *bonet* de veludo azul, o qual contava offerter a seu pai. Distrahio-se de seu trabalho para responder ás saudações que lhe fizeram os recémchegados, e no mesmo instante voltou a seu habitual estado de indifferença, e como de um total esquecimento de si propria.

Luiza era uma joven de 18 a 19 annos. Com bastante razão lhe davam o lisongeiro nome de *rosa branca*, porque difficil seria achar um melhor composto de graças e belleza, e um não sei que de tão tocante e poetico em sua phisionomia, que vel-a e amal-a era tudo a mesma cousa.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

A vida do campo.

Todos em geral temos uma affeição sem fim á vida livre, e essa é cheia de bellezas, e onde com mais socego se passam os annos de illusões, é no retiro da vida campestre. Ali não ha ente humano que não seja feliz, e Deos concede a todos uma saude robusta, e uma vida de encantos. Ama-se com mais ardor uma esposa, afagam-se os robustos filhinhos, ensinam-se com os exemplos da natureza a conhecer a Deos, e vive-se contente, por ser d'elles amado.

O silencio reina quasi sempre, e não se vê no interior d'uma d'essas habitações o Luxo e os vicios, que as mais das vezes nas cidades acarretam os homens á ruina. Todas as cousas são simples, e até mesmo o trabalho. Desde o mais moço até o homem mais idoso, todos se occupam no serviço da plantação e da colheita. Ao nascer do sol os pastores conduzem ao som de suas flautas, ou gaitas, os rebanhos de ovelhinhas, ás margens dos arroyos crystalinos, que descem das encostas dos montes, e correndo formam zig-

zags, passando mansamente, ora aqui, ora acolá, por um leito de fina arêa, e perdem-se de vista ou na extensão do prado, ou ao entrarem no bosque. O arado sulca a terra puchado por bois, conduzidos ao som das canções do trabalhador, e a terra fica preparada para receber a semente, emquanto uns ceifam as douradas espigas, que amontoadas nos carros fazem chiar os eixos que as conduzem á eira onde se vão descascar para depois de moido o trigo produzir o alvo pão: outros empregam-se em domar os animaes de carga e de arado, em quanto suas mulheres preparam do saboroso leite os queijos e a manteiga. Oh! quanto é bello de contemplar tudo em estado de trabalho!... O sol doura com seus raios afogueados as campinas verdejantes, onde erram numerosos rebanhos d'animaes domesticos. O brandozephiro não deixa sentir os ardores do sol. Ali a vista perde-se nas planicies elevadas, onde o azulado de sua longitude parece unir-se ao céu na linha orisontal. Os bosques contêm em si os maiores encantos da natureza. Ali vai-se gosar as mais ternas recordações dos amorosos folgedos da infancia, ou distralhir a mágoa do amor abrasador que se encerra no coração.

As arvores antigas estão cobertas d'uma ramagem alta e expressa que entrelaçadas formam uma aboboda, onde apenas póde penetrar o reflexo do sol. Por entre os troncos encontram-se os rastros dos cães ou atalhos feitos pelos animaes, ou pelos caçadores. As aves de todos as fórmas e côres habitam o interior do bosque, onde o viajante absorto assenta-se nas pedras da ribanceira de algum dos arroyos, cuja corrente christaliua desliza-se sobre as pequenas pedras e conchinhas que ornam seu leito, e onde a vista penetra; ou ouvindo o canto das avesinhas, cuja melodia tão suave lhe trazem o somno.

As arvores estão carregadas de fructos, entre os quaes encontram-se muitos cujo sabor é delicioso. O suave murmurio do arroyo e a melodia do canto das avesinhas, que tinham prolongado o somno do viajante, é interrompido pelo estrondo do tiro d'algum caçador, que o faz acordar, e depois segue vagaroso seu caminho admirando os animaes pequenos que sahem de suas tocas e saltam entre a herva; chega á extremidade do bosque, e vê entre a relva alguns pastores adormecidos ao som da flauta de seus companheiros. Ao pôr do sol todos os rebanhos voltam a pernoitar nos curraes. Os pastores voltam ás suas cabanas, e já sua mulher e seus filhinhos os esperam á porta. A noite

com seu manto recamado d'estrellas succede ao dia. A lua principia sua carreira, e os lavradores e suas mulheres sentados ao luar entoam algumas canções acompanhadas de suas flautas, ou dançam segundo seus costumes, para distralhir seus filhinhos.

Oh! Deos! oh! creador do universo! dai-me uma vida socegada e livre para poder admirar as bellezas de vossa obra, porque a vida do campo é o paraíso dos homens!....

JOSE' MIGUEL DIAS FERREIRA.

POESIAS.

Presentimentos.

Minha Julia, diz-me a estrella
Que ali fulge tão bella
Que findou nosso amor;
Diz-m'o o pranto que hei vertido
No desterro, onde descrido
Dou largas á minha dor.

Enganei-me, quando um instante,
Receiando e vacilante,
Procurei a mim mentir;
Nem uma fraca esperanza
Entre a tormenta e bonança,
Surgio por entre o porvir.

Procurei no mundo vão
As maguas do coração
Por algum tempo olvidar:
Foi baldado o meu ensejo,
E sempre o mesmo desejo
De a mim mesmo enganar.

O mundo não póde tanto
Quando a tristeza e o pranto
O coração vem calar;
O mundo pois esqueci
E com o pensamento em ti
Fiz tenção de mais te amar.

Amei-te de intimo d'alma,
E fiz d'esse amor uma palma
Que guardei p'ra t'offerar;
Mas, ai de mim, não sabia
Que basta apenas um dia
Para fazel-a murchar.

E quando, n'esses momentos,
Eu ri dos presentimentos
Do meu pobre coração,
Veio apoz a realidade...
Muito embora !... ella não hade
Minha dor calar em vão.

Que importa pois que a estrella,
Brilhando no céo tão bella
Seja um agouro fatal ?
Meu amor não morrerá,
Nem tão cedo apagará
De minha existencia o real.

Este amor é minha vida,
E' a existencia querida
Com que na infancia sonhei ;
E' o amor puro e innocento,
Casto, sim, mas imprudente,
D'elle talvez morreréi....

Rio, em 24 Fevereiro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

O passarinho.

Oh ! tu plumoso cantor
Que vives a gorgear,
Das selvas habitador,
Não te punge atroz penar ?
Tu cantas nos arvoredos,
Ou em cima dos rochedos,
Os teus amores tão ledos
Sem mais nada te lembrar !!

Passarinho, quanto invejo
O teu ditoso viver,
Recordas-me o lindo Tejo
A patria do meu nascer ;
Quem me dera a tua vida
Na minha terra querida
Nunca de mim esquecida
Para contente viver.

Tu de manhã e ao sol posto
Fazes trinar teu gorgeio,
Oh ! quem te escuta com gosto
Lá d'essas tardes em meio,
Sente viva commoção,
Melancolica paixão,
E seu terno coração
Palpita dentro do seio.

Porém eu já nada sinto
Só de tanto padecer,
Passarinho, eu não te minto,
Eu já não posso viver ;
Já esgotei com furor
O calix de acre licor,
Que tem tão grande amargor
Como é amargo o morrer.

Dirás tu que joven sou
Para tanto ter penado,
Porém eu dizer-te vou
O que já tenho passado :
Eu amei e fui trahido
Por um peito fementido,
Fui a final esquecido
Do cruel, do deos vendado.

Mas hoje a ninguem adoro,
Já não sei o que é amor,
Se suspiro, gemo e choro
E' pranto que gera dor ;
As regras de amor que sei
D'ellas me esquecerei,
A ninguem mais amarei,
Só a ti, plumeo cantor.

12 de Outubro 1855.

A. J. DE CARVALHO LIMA.

Epistola.

Se, Marilia, ha muito tempo
Vivo de ti separado,
Não temas, não, qu'eu perjuro
Esse amor que te hei votado.

De ti longe eu vivo afflicto,
Não tenho consolação,
Alivio não ha que chegue
Ao meu triste coração !...

Se de ti longe, Marilia,
Eu pareço estar contente,
Minha alegria, querida,
E' d'um triste penitente !

Se, por acaso, em meus labios
Um riso tu vês pairado,
Esse riso, minha amada,
E' um riso amarguado.

Sabes tu porque ainda vivo
Assim mesmo a padecer?
E' porque conservo a esp'rança
D'inda a teu lado viver.

Se não fosse essa esperança
Eu não mais existiria,
Por qu'então, desventurado,
De pesar acabaria!...

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

As minhas saudades.

Como aquelle anjo formoso
Que tão cedo me deixou,
Me não deixeis, ó saudades,
Caro bem que me ficou.

Elle foi, mas, ai saudades,
Vós commigo ficareis;
E sua ternissima imagem
Sempre, sempre lembrareis.

Aquella graça que tinha
O seu olhar seductor,
Me fazia a sós pensar
E abraçar de puro amor!

Ai de mim, desventurado,
Ai deslumbrante pensar,
Só me ficaram as saudades,
As saudades de matar!

Saudades, minhas saudades,
Ficai sosinhas aqui,
Se ámanhã deixar o mundo
Contai o quanto eu soffri.

Fevereiro de 1856.

M. LEITE MACHADO.

VARIÉDADE,

Theatro de S. João.

CONCERTO DO SR. NORONHA.

Teve lugar n'este theatro o concerto de despedida do eximio rabequista portuguez, Francis-

co de Sá Noronha; estando como era d'esperar, o theatro completamente cheio.

Foi uma noite, bem o podemos dizer, de verdadeiro jubilo nacional.

Os portuenses nobremente orgulhosos d'um artista nacional, que pela força do genio e do talento soubera honrar no estrangeiro o nome portuguez, não lhe amesquinham provas d'elevada consideração, porque elle depois d'um Bianchi, d'um Sivori, e d'um Saint-Leon, ainda pôde excitar-lhes sensações novas, porque novas impressões lhes fez sentir, callando-lhes no coração harmonias, cujo segredo só conhece o artista inspirado, o genio creador! E na presença d'essa realza de genio, d'esse artista que veio matar saudades da patria, trazendo-lhe um nome glorioso feito longe d'ella, mas para honra d'ella: com que ufania nos diz uma voz intima quando o vemos arrancar freneticos applausos — *é portuguez?* —

A noite de sabbado ha de ser memoravel nos annaes do Porto; e se marca uma pagina brilhante para a historia do artista que recebeu uma verdadeira ovação popular, justo tributo d'admiração ao seu grande talento; marca tambem uma pagina honrosa para o povo, que sabe apreciar o grande merito d'um portuguez, que como artista tanta gloria dá á sua patria.

A ovação feita ao Sr. Noronha, não foi d'esses festejos quasi officiaes, em que pelo apparatus, e porque n'elles prepondéra a influencia de pessoas importantes, pela riqueza ou posição; os applausos são por assim dizer uma parte do programma — Não — a ovação ao Sr. Noronha foi litteralmente popular e espontanea, porque a iniciativa d'ella partiu de pessoas que tem a sua posição social no nivel da grande massa do povo — e não foi por isso menos honrosa e foi de certo mais gloriosa.

O theatro estava brilhantemente illuminado, e tinha por sobre o proscenio dous grandes lustres com lumes de cêra. O atrio estava adornado com grandes jarros com flôres, e igual adorno se vio em todas as ordens de camarotes. O Sr. Noronha mandou distribuir ás senhoras pelos camarotes lindos ramos de flôres distribuindo-se igualmente o retrato lithographado do eximio artista (desenho do distincto pintor Corrêa), e o hymno do Porto, por elle composto, e que uma banda marcial tocava a intervallos, no átrio.

O Sr. Noronha foi recebido na sua primeira entrada no palco com uma salva de palmas que

durou alguns minutos, e que se repetiu em todas as vezes que apparecia. No fim de todas as peças era applaudido com delirio por grandes espaços de tempos, em quanto sobre elle choviam os ramos e corôas, sendo algumas d'estas mimosas e ricas.

Seria difficil extremar das differentes peças tocadas pelo Sr. Noronha, a de mais surprehendente e brilhante effeito, que todas ellas eram tão lindas e tão magistralmente e com tanta pureza executadas, que o conhecedor mais atilado, perdido na escolha, não saberia decidir-se, vendo as maiores difficuldades vencidas sem esforço, e como por inspiração. A voz humana ainda a mais canora e sentida, não entenece, não infiltra no coração mais doces sensações, do que as produzidas pelos sons cheios de encantamento, que o Sr. Noronha extrahe da sua feiticeira rabeça.

Dos camarotes 2 e 18 da 2.^a ordem, recitaram-se differentes poesias dedicadas ao Sr. Noronha, e na presença d'elle, que foram com enthusiasmo applaudidas, e todas tiveram a honra do *bis*. Os vates que recitaram foram os Srs. Rodrigo Xavier, Faustino de Novaes, Silva Ferraz, Nogueira Lima, Moutinho, Braz Martins.

No fim a ovação foi delirante. O Sr. Noronha, debaixo de uma chuva de flôres, foi chamado ao proscenio por mais de dez vezes, no meio de freneticos bravos. Da plateia e camarotes agitavam-se os leucos, como mostra de uma saudosa despedida. A symphonia, composta pelo Sr. Noronha sobre motivos populares, foi tambem muito apreciada. Quasi toda a gente que estava na plateia esperou a sahida do eximio artista do theatro, e no meio de vivas o acolheu: e no meio d'elles foi acompanhado á casa por um grande numero de pessoas, que não cessavam de o victoriar. As poesias recitadas foram-lhes entregues em um lindo album.

O Sr. Noronha teve uma ovação completa, e bem a merece elle, que soube elevar-se á realeza do genio, como artista, sendo, como disse Voltaire d'um celebre pintor francez, o mestre de si mesmo.

Porto, 1845.

GUERRA LEAL.

Origem dos meirinhos.

A palavra meirinho é corrupção de maiorinus derivada do latim, *maior*. Antigamente nas Hespanhas dava-se o titulo de maiorino ao homem, que tinha maioria e poder para administrar e fazer justiça em alguma villa ou terra. Dizem os investigadores das antiguidades, que Flavio Ervigio, rei godo, successor de Wamba, déra principio ao officio de maiorino ou meirinho; e que havia um em cada comarca: eram subordinados ao Adiantado do reino, justiça maior, que lhes tomava residência, e ao qual succedeu o Meirinho mór, por quanto durou pouco neste reino a dignidade de Adiantado. Os ditos meirinhos, a cujo cargo estava o governo das comarcas em materias de justiça, continuaram mais tempo, e se acham até ao reinado de El-Rei D. Alfonso 4.^o Succederam-lhes depois no cargo os corregedores; e o nome de meirinho ficou pertencendo aos officiaes menores de justiça, que davam execução ás sentenças daquelles, prendendo, citando, e penhorando, como os alcaides.

Variedades.

Os Arabes que habitam as visinhanças dos comiterios do Alto Egypto, tem um objecto particular, que lhes serve de combustivel, e com o qual cozinham seus alimentos.

Cada vez que estão precisados de lenha, descem ás sepulturas visinhas, e desalojando uma mumia, lançam-a aos hombros e voltam á sua tenda.

Ahi pegando em uma machadinha, agarram em uma perna da mumia e cortam o corpo em duas metades, e depois de cortal-a em pedaços menores, fazem uso d'uma perna ou d'um braço, e mesmo do tronco, á proporção que precisam, para fazer ferver sua chaleira.

Como os antigos Egypcios, sempre circunvalavam seus mortos, em substancias resinosas, as mumias tornam-se muito combustiveis, e servem de excellente lenha.